



MOUNIER E PÉGUY: HISTÓRIA DE UMA RELAÇÃO CULTURAL E ESPIRITUAL

Paolo CUGINI¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal buscar a origem do pensamento de Emmanuel Mounier e do personalismo comunitário, corrente filosófica por ele elaborada. Neste esforço, a pesquisa nos conduz nas páginas de um outro pensador francês: Charles Péguy. Encontramos, de fato, nas páginas do poeta e filósofo de Orleans vários conteúdos que serão presentes na reflexão de Mounier desde o começo do seu trabalho filosófico. Não é por acaso que a primeira obra do jovem Mounier seja dedicada a Péguy. É o mesmo Mounier nesta obra, que oferece chaves de leituras importantes para compreender o caminho do desenvolvimento do seu pensamento. A tomada de consciência da necessidade de uma ruptura com aquilo que era percebida como uma desordem estabelecida, assim como a percepção da realidade que não pode ser avaliada somente do ponto de vista material, mas que deve sempre ser relacionada à dimensão espiritual, são temas que enchem as páginas do primeiro Mounier e que encontramos presentes em Péguy. É sempre Mounier que nos oferece também a chave de leitura da maneira diferente que ele tem de elaborar os conteúdos, fruto de um pensamento intuitivo, mais de que uma especulação de tipo dedutivo. Este método intuitivo presente nas páginas de Mounier foi assimilado desde a juventude das páginas de Péguy, que ele mesmo elaborou frequentando as aulas de Henri Bérégson.

Palavras chave: Crítica. Revolução. Intuição. Presente. Realidade.

¹ Doutor em Teologia pela Faculdade Teológica da Emília Romanha-Itália.

1. INTRODUÇÃO

Não é possível falar de Mounier sem fazer algum aceno ao pensamento de Péguy. Não é por acaso que o primeiro livro de Mounier seja dedicado ao seu grande mestre Charles Péguy² (MOUNIER, 1987). Foi o mesmo Mounier que, numa entrevista no 1938, declarou que percebia o grande débito cultural que devia ao pensamento de Charles Péguy (MOUNIER, 2017). Pela reconstrução do personalismo de Mounier torna-se importante, então, o aprofundamento desta relação cultural entre dois autores que marcaram uma época. Não é um caso que Péguy foi indicado como o inspirador daqueles que foram apelidados como os não-conformistas dos anos 1930 (LOUBET DEL BAYLE, 2001). Num contexto cultural, ou seja, a França dos anos 1930, mergulhada numa profunda crise econômica que, ao mesmo tempo, era também espiritual, era preciso encontrar os indicadores espirituais que pudessem ajudar uma inteira geração a compreender o contexto no qual o ocidente estava entrando.

Do ponto de vista geral, estavam se afirmando de uma maneira contundente formas políticas contrastantes, mas acomodadas por um mesmo estilo absolutista e violento. O comunismo de um lado e o fascismo do outro, tinham como pano de fundo comum um método populista de se dirigir às massas populares e, além disso, ambos utilizavam formas coercitivas para impor as próprias ideias. Como resgatar a tradição cultural europeia moldada nos valores cristãos? A este grande questionamento será a obra de Péguy que

² Charles Péguy nasceu em Orléans no 1873. Foi notado pelo diretor da École Normale d'Orléans, que o enviou ao Liceu de Orléans, onde obteve uma bolsa de estudos que lhe permitiu se formar de maneira brilhante. Isso o levou à École Normale Supérieure em Paris em 1894. Aqui foi aluno de Romain Rolland e Henri Bergson, cujas lições o marcaram muito e das quais mais tarde se tornou amigo. Naqueles anos, Péguy desenvolveu suas crenças socialistas. No começo do caso Dreyfus, Péguy ficou do lado dos Dreyfusard. Perto da Sorbonne, fundou a livraria Bellais. Enquanto isso, em 1900, após a quase falência de sua livraria, fundou a revista Cahiers de la Quinzaine, a fim de descobrir novos talentos literários e publicar suas obras. Romain Rolland, Julien Benda e André Suarès colaboraram, entre outros. Em 1907, Péguy se converteu ao catolicismo. Desde então, ele produziu obras de prosa de assuntos políticos e polêmicos (Notre Jeunesse, L'argent) e obras em versos místicos e líricos. No entanto, sua intransigência e seu caráter apaixonado o fizeram desconfiar tanto aos olhos da Igreja da qual ele atacou o autoritarismo, quanto aos socialistas de quem denunciou o anticlericalismo e depois o pacifismo. Tenente da reserva, ele se alistou na infantaria durante a Primeira Guerra Mundial. Morreu em combate, no início da primeira batalha do Marne, em 5 de setembro de 1914.

virá ao encontro, num primeiro momento, ao mesmo Mounier e, num segundo momento, ao grupo que se formou ao redor da revista *Ésprit*³.

2. O ENCONTRO COM PÉGUY

Folheando as páginas do diário de Mounier⁴, percebe-se que a descoberta cultural de um autor como Péguy aconteceu no 1927, num período muito triste. Vários foram os fatores que geraram este sentimento. De um lado, a vida na grande cidade de Paris provoca no jovem estudante universitário muita solidão; do outro, o que incentivara este sentimento, fora a morte do seu grande amigo George Barthélemy. Além disso, Mounier vive uma grande decepção por causa do ambiente universitário da Sorbona que, ao seu ver, estava propondo uma maneira de fazer cultura muito desligado da vida. Não é um caso se nas páginas do seu diário deste período encontrarmos palavras de admiração por Péguy, pois também ele era muito crítico sobre o ambiente universitário, tomado constantemente de mira nas páginas da revista por ele fundada, os *Chaiers de la Quinzaine*. Na carta que Mounier escreve ao seu grande mestre e professor Charles Chevalier, no ano de 1928 Mounier escreve: “Acho que me sinto impermeável para sempre ao influxo negativo da Sorbona. *Non me suja*, como diria Péguy” (MOUNIER, 1982, p. 44).

A partir do mês de junho do 1929, Mounier entra em contato com um grupo de estudantes com os quais aprofunda o pensamento de Péguy ao ponto de planejar a realização de um livro sobre ele. Nesse projeto, Mounier encontra a aprovação do mesmo filho de Péguy, Marcel, e de Jorge Izard, outro grande amigo de Mounier que, alguns anos depois, o ajudará na realização da revista *Ésprit* (WINOCK, 1975). Será nesse mesmo período que Mounier terá a possibilidade de conhecer o filósofo Jacques Maritain, pois será o mesmo Maritain que se oferecerá para a publicação do livro sobre Péguy na coleção *Roseou d’Or* por ele mesmo dirigida, além de oferecer preciosas observações críticas e um apoio significativo para a finalização do projeto. Encontraremos Maritain presente nos primeiros anos da atividade editorial de Mounier, até o

³ A revista *Ésprit* foi fundada por Mounier no 1932

⁴ O diário de Mounier, junto com suas cartas, foi publicado recentemente de forma integral na França (MOUNIER, 2017). Neste trabalho utilizamos também a versão italiana publicada no 1982.

ponto da ruptura entre os dois que acontecerá nos primeiros meses de 1933, ou seja, logo após a publicação dos primeiros números da revista *Ésprit* (CUGINI, 2018).

É importante salientar que em 1929 Mounier morava na *Maison da Jeunesse* do amigo Jean Daniélou, que tinha organizado um grupo de estudo sobre Péguy. Foi nesses encontros que Mounier aprofundou o pensamento do filósofo e poeta de Orléans. Assim Mounier descobre mais uma espécie de sintonia com Péguy, que o ajudou a tomar a firme decisão de deixar a carreira universitária para abraçar com entusiasmo a aventura da fundação da revista *Ésprit*. Além disso, antes mesmo de se envolver na articulação da elaboração do livro sobre Péguy, Mounier publicou alguns artigos sobre o mesmo⁵, fruto da pesquisa que nesse período andava desenvolvendo (BOMBACI, 2015).

Além desses eventos, que marcaram a juventude de Mounier e que provocaram o encontro com a obra de Péguy, o relacionamento cultural entre os dois deve ser encontrado sobretudo em algumas temáticas que acompanharam a evolução do pensamento de Mounier. Segundo alguns estudiosos da matéria (CAMPANINI, 1968; CAMPITI, 1987) estas temáticas são sobretudo duas: a crítica do mundo burguês e a exigência revolucionária percebida como necessária no contexto histórico do período, temáticas que, aliás, são interligadas.

Foi exatamente a percepção de uma crise profunda, que estava moldando a sociedade ocidental, que levou Mounier a envolver alguns amigos no projeto da realização de uma revista, que devia recolher as contribuições para a reconstrução do tecido espiritual da Europa, destruído nas últimas décadas. Não é por acaso, então, se desde os primeiros números da revista *Ésprit*, fundada por Mounier no 1932, encontrarmos artigos que enfrentam de diferentes formas, o tema da sociedade burguesa, apontada como a principal culpada da crise da cultura ocidental. No mês de março de 1933, a revista *Ésprit* saiu como número monográfico com um título muito significativo: *Rupture*

⁵ Entre os artigos sobre Péguy publicados por Mounier antes da fundação da revista *Ésprit*, lembramos: *Charles Péguy et le problème de l'enseignement*, in *Après ma classe*, 1930-1931; *La pensée de Charles Péguy*, in *Les Alpes littéraires*, Abril 1931; *Péguy chez les Pitoeff*, in *Les Nouvelles littéraires*, 20 junho 1931.

entre l'ordre chrétien et le desordre établie. Nos artigos desse número⁶, os autores ressaltaram a crítica ao mundo burguês, que a equipe de *Ésprit* estava elaborando na busca de uma saída possível perante uma crise que estava assolando a sociedade. O dado talvez mais interessante é que a maioria dos autores frisou a ligação intrínseca entre o mundo burguês e o cristianismo. Sem dúvida, essa ligação é um dos ensinamentos do mestre Péguy, que Mounier assimilou e elaborou ao longo dos anos e que repassou para toda a equipe de *Ésprit*. Esse número da revista, que teve um grande respaldo na França, marca também a passagem definitiva dos interesses de Mounier, que passa de uma atenção aos temas metafísicos para um interesse mais político (CAMPANINI, 1968, p. 44-48).

Nas páginas do primeiro período da elaboração mounieriana, percebe-se a influência do pensamento de Péguy, sobretudo na maneira de entender a causa da crise. “Não tem mais o povo. Todos se tornaram burgueses. Nós fomos criados de outra forma. O mundo mudou menos de Jesus Cristo em diante que nos últimos trinta anos. Houve a idade antiga (e bíblica). Houve a época cristã. Agora temos a época moderna” (PÉGUY, 2011, 48). Para Péguy a burguesia não coincide com uma classe, mas aponta para uma atitude ética e política dos indivíduos. O símbolo de tudo isso é a corrida para acumular dinheiro, que é o verdadeiro símbolo da época moderna.

Somente o dinheiro não tem a menor ligação com o espírito. Então, no mundo moderno, pela primeira vez na história do mundo, todas as potências espirituais junto a outras potências materiais foram rejeitadas por uma só potência material, que é a força do dinheiro. Pela primeira vez, o dinheiro reina sozinho perante as outras matérias, perante o espírito, perante Deus. Não é uma reversão, é um acabamento da tábua dos valores: o instrumento do câmbio os substituiu em massa (MOUNIER, 1987, p. 143).

No mundo do dinheiro, tudo pode ser negociado, até os valores podem se tornar material de troca e de venda. O objetivo desta cultura materialista é alcançar a paz, que não pode ser entendida num sentido espiritual ou cultural, mas sim, existencial. Acontece neste nível uma transferência “na vida espiritual

⁶ Em modo especial destacamos: E. Mounier, *Confession pour nous autres chrétiens*; J. Maritain, *Lettre sur le monde bourgeois*; Denis de Rougemont, *Comment rompre ?*; N. Berdiaeff, *Le christianisme russe et le monde bourgeois*; Marc Alexandre, *Le christianisme et la révolution spirituelle*.

dos princípios da economia burguesa: tranquilidade para o momento que passa, segurança para o amanhã, e uma forte aposentadoria para concluir” (MOUNIER, 1987, p. 137). O dinheiro é a expressão mais significativa do egoísmo do mundo burguês, marcado também por um forte individualismo, da sua busca constante de um amparo para se proteger dos riscos da vida, que marca sobretudo uma irresponsabilidade e uma indisponibilidade para deixar-se encontrar para o Outro. “O dinheiro separa o homem da luta com as forças alheias, nivelando as resistências; os separa dos homens, comercializando toda troca” (MOUNIER, 1975, p.20).

A crítica do mundo do dinheiro é a máxima expressão da assim chamada “desordem estabelecida”, que é a marca inconfundível do mundo burguês, que abre ao mesmo tempo o caminho para uma reflexão política que leva Mounier e os seus colaboradores a planejar uma revolução personalista e comunitária. É este o segundo grande foco da primeira fase do pensamento mounieriano, que deve muito à influência de Péguy. Perante uma contundente degradação burguesa dos valores, a revolução segundo a reflexão de Péguy, não pode ser violenta ou política, mas sim espiritual e moral, para alcançar a alma da sociedade. “A revolução ou será moral, ou não será nunca” (PÉGUY, 2012, p. 38). Esta famosa frase de Péguy, que se encontra também na primeira página da obra programática de Mounier – *Refaire la Renaissance*⁷ - revela o sentido profundo do trabalho cultural de Mounier que o levou na juventude a abandonar a carreira universitária para abraçar o projeto da revista *Ésprit* e elaborar uma produção cultural capaz de modificar por dentro a sociedade. A verdadeira revolução pode gerar-se somente a partir do interior da pessoa, ou seja, de nós mesmos. Isso não quer dizer que para Mounier e Péguy a revolução deve limitar-se no âmbito da interioridade, mas indica a consciência de que “toda libertação moral e mental é precária se não for acompanhada por uma libertação econômica” (MOUNIER, 1984, p. 415).

Não encontrando nas páginas de Péguy uma análise sobre os meios para a realização da revolução almejada, Mounier sente-se forçado a confrontar-se com o pensamento de Marx, tão em auge naquela época, sobretudo por causa do êxito da revolução russa. O discurso de Mounier nessa altura buscará uma

⁷ Este texto foi publicado no primeiro número da revista *Ésprit*, no mês de outubro 1932, para depois fazer parte da obra: *Revolução Personalista e comunitária* (tr. It. MOUNIER, 1984).

contínua convergência entre Péguy e Marx. Perante a crise, duas soluções eram apresentadas: os marxistas falavam de crise da economia clássica, de crise das estruturas, propondo uma rápida intervenção no âmbito econômico; para os moralistas, do outro lado, era patente que a crise era sobretudo moral, que visava os valores: precisava, então, mudar o homem (CAMPITI, 1987, p. 13).

Nós não éramos satisfeitos nem dos uns e nem dos outros [...] Do nosso lado afirmávamos que a crise é ao mesmo tempo uma crise das estruturas e uma crise do homem. Não apenas retomávamos as palavras de Péguy: “A revolução será moral ou não será nunca”, mas acrescentávamos: “A revolução moral será econômica ou nunca será nada. A revolução econômica será moral ou não será mesmo” (MOUNIER, 1975b, p. 17).

O diálogo com o marxismo⁸ oferece a Mounier a possibilidade de ir além da simples denúncia moral da desordem estabelecida, para conseguir um aprofundamento da teoria e da praxe revolucionária. Essa exigência de um maior compromisso revolucionário é marcada, desde o começo da reflexão mounieriana, mas também conforme ao pensamento de Péguy, pela percepção de limites inalienáveis. De fato, “uma revolução para a pessoa pode envolver meios que sejam idôneos pela pessoa. Um mundo de pessoas exclui a violência considerada como um meio de constrição externa” (MOUNIER, 1975, p. 251). Essa opção fundamental leva ao entendimento de que não seja a pessoa, mas sim o testemunho que deve animar o élan revolucionário. A verdadeira revolução terá a possibilidade de influenciar e mudar a estrutura externa da sociedade somente se conseguir produzir uma conversão integral, uma verdadeira “ascese da ação”, como escreveu Mounier (1975, p. 245).

3. MÍSTICA E POLÍTICA

A desconfiança de Mounier no confronto das políticas partidárias se traduz numa distinção tipicamente peguyana, entre a mística e a política. Seja em Mounier como em Péguy, é patente a crítica contra toda forma de política

⁸ O estudioso que mais aprofundou o relacionamento entre Mounier e o marxismo foi CAMPANINI, 1968.

burguesa e a denúncia da decomposição de uma “mística” numa ação corrupta.

A política – escreve Mounier em referência à crítica peguysta da sociedade burguesa – tem como função essencial mascarar para os olhos do público a mística que a alimentou para depois sufocá-la e devorá-la interiormente. Qualquer política é inimiga de toda mística, também a própria. Uma mística qualquer é inimiga de todas as políticas (MOUNIER, 1987, p. 108).

Outro motivo de fundo que Mounier retomará e levará em frente numa perspectiva ampla e aberta, até o ponto de apontá-la talvez como o tema central do seu compromisso político, é o relacionamento entre temporal e espiritual. Para Péguy, na leitura que Mounier realiza no ensaio que já foi citado,

o espiritual é constantemente deitado no leito do campo do temporal; toda visão do mundo aponta para o símbolo da Encarnação; Nesta ordem, ratificada por Cristo, o espiritual e o eterno ficam toda vez pela encarnação dos dois elementos, às inquietações e as incertezas da matéria (MOUNIER, 1987, p. 161).

Isso significa que o sentido da realidade fica sempre alimentado do concreto; o concreto é sempre iluminado do abstrato, enquanto o espiritual fica alimentado do temporal e, por sua vez, o temporal é sempre iluminado do espiritual. Esta é a lógica da mútua relação entre temporalidade e espiritualidade que Mounier aprendeu de Péguy e que assimilou e transferiu na sua própria reflexão política. A distinção entre mística e política e a recusa de um cristianismo desencarnado são os dois grandes temas de Péguy que encontramos constantemente elaborados na obra mounieriana e isso é a confirmação da profunda ligação entre os dois autores. Ambos almejavam a renovação do cristianismo que tinha como condição fundamental a denúncia do reino do dinheiro, na perspectiva de Péguy, e a ruptura da desordem estabelecida, na reflexão elaborada por Mounier. Foi a partir dessas exigências de uma radical superação das estruturas sociais que se tornaram desumanas, que produziu a escolha da recusa do reformismo e a propensão para a revolução. Nesse caminho, do jeito que Péguy encontrou na própria elaboração sociopolítica o aporte do pensamento de Proudhon, assim Mounier encontrará no próprio caminho o marxismo.

Na análise de Campanini (1968, p. 59), no mundo cristão não houve ninguém como Mounier que teve a coragem de uma confrontação séria com o marxismo, com a clara consciência da profunda distância sobre o plano metafísico e também prático. O personalismo de Mounier se coloca, assim, como uma tentativa de ligar entre elas a revolução espiritual cristã e a revolução econômica marxista, com a clara consciência que é impossível resolver os grandes problemas do homem simplesmente no plano social. Mais uma vez Mounier acolhe na própria reflexão sobre este ponto, o programa de Péguy.

Péguy tem as próprias fraquezas, grandes fraquezas. Apesar de tudo, ele permanece um homem do século XIX [...] Mas ele conseguiu realizar a síntese entre a tradição cristã, a tradição revolucionária e socialista, a revolução republicana e paisana (MOUNIER, 1984, 239).

O grande sonho de Mounier foi de realizar o encontro entre a revolução cristã e a revolução marxista. Foi um sonho que não se realizou, mas que não foi inútil, pois ajudou a tomar consciência da realidade do comunismo, como problema espiritual, antes que social ou político. Nesse encontro com o mundo dos trabalhadores que pela maioria pertenciam ao partido comunista, foi de grande importância o testemunho pessoal de Péguy, a sua escolha pela pobreza, a sua recusa íntima e verdadeira do “primado do dinheiro”, recusa que encontrará em Mounier um verdadeiro discípulo. A influência de Péguy percebe-se também na exigência de soldar o espiritual e o carnal, o histórico e o eterno: “porque aqueles que têm o eterno perderam o sentido do temporal, é preciso que não percam entre o temporal reencontrado o sentido do eterno” (MOUNIER, 1982, 57).

Como em Péguy, encontramos o pensamento de Mounier sempre tenso entre a relação de dois polos: o temporal e o eterno. Enquanto, porém, Péguy é essencialmente um místico prejudicando a visão dele sobre a história, bem diferente é o pensamento de Mounier. De fato, o filósofo de Grenoble soube elaborar uma reflexão capaz de se desenvolver no encontro com a história e se colocar essencialmente como uma resposta aos problemas evidenciados na sociedade e no cristianismo. Nesse ponto de vista, a filosofia mounieriana encontra-se com a vida através da mediação da história.

A difícil vocação de Mounier consiste em ser ao mesmo tempo testemunha do espiritual no temporal e do temporal no espiritual, através de um incansável esforço de mediação dialética entre os polos opostos de um espiritualismo abstrato e um imanentismo fechado ao transcendente para salvar o cristianismo como realidade essencialmente escatológica, sem comprometer ao mesmo tempo a sua presença no plano da história. As vezes parece que Mounier acentua a dimensão histórica do cristianismo ao ponto de levar alguns críticos a acusá-lo de neomodernista⁹. Na realidade, trata-se da reação mounieriana no confronto de uma tradição espiritualista prevalente no catolicismo francês entre as duas guerras mundiais. Essa acentuação da dimensão histórica parece matizada e até superada na obra de síntese final – *O Personalismo*, no qual Mounier dedica uma profunda reflexão para analisar a dialética entre interioridade e objetividade.

“A existência pessoal fica sempre disputada entre dois movimentos: um de interiorização, o outro de exteriorização; ambos são essenciais, ambos podem sufocá-la ou dissipá-la” (MOUNIER, 2004, p.74). Mounier aponta, então, para um relacionamento de reciprocidade e não de contraposição, pois é na integração dos dois movimentos que o homem reencontra a própria dimensão e colocação no mundo. A pessoa está sempre na busca de um equilíbrio que lhe ofereça a possibilidade de viver no mundo plenamente responsável da própria ação de personalização. Interioridade e historicidade marcam os polos extremos do universo pessoal: é no interior deles que a pessoa vive a própria realização. “Não podemos menosprezar demais a vida exterior, porque sem ela a vida interior torna-se absurda; ao mesmo tempo, porém, sem a vida interior também a vida exterior tende a delirar” (MOUNIER, 2004, p. 76).

⁹ Modernismo é o nome de movimentos religiosos, artísticos e literários que se desenvolveram entre o final do século XIX e o início do século XX. em relação à tendência de renovação e reforma de ideias, métodos etc., que desejavam se adaptar às necessidades modernas. No campo religioso, foi um movimento de renovação do catolicismo, promovido por alguns expoentes da cultura católica, especialmente sacerdotes, entre o final do século XIX e o início do século XX. Os representantes mais significativos foram A. Loisy, G. Tyrrell, E. Buonaiuti. L. Laberthonnière. No Programa modernista (1908), proclamaram que queriam adaptar a religião católica a todas as conquistas da era moderna no domínio da cultura e do progresso social, mas também declararam sua intenção de querer permanecer na Igreja para operar uma reforma nela e não contra ela (GUASCO, 1995).

4. DOIS EXISTENCIALISTAS DA ESCOLA DE BERGSON

Além das características até agora evidenciadas entre Mounier e Péguy, é necessário evidenciar pelo menos uma outra. Ambos os filósofos, de fato, têm como referência significativa o filósofo Bergson e a filosofia deles mais que especulativa se apresenta sobretudo como reflexão existencialista. O mesmo Mounier afirmava que “Péguy tinha um grande amor pela verdade, mas na forma cultural e humana mais do que científica e especulativa” (MOUNIER, 1987, p. 85). Para Mounier, a filosofia não é sinônimo de atividade abstrata, de renúncia a tudo aquilo que expressa vida e beleza, mas é sobretudo uma postura de maravilha “lá aonde todos passam além. Pensar significa, então, tornar-se capazes de um sentido místico da interioridade das coisas e da profundidade dos acontecimentos, significa adquirir o gosto daquilo que está atrás da cortina na qual se agitam as sombras” (MELCHIORRE, 1960, p. 40). É nesse sentido que torna-se possível entender as afirmações seja de Péguy, seja de Mounier, que apontam o filósofo como um homem fracassado porque nunca conseguirá realizar uma carreira.

Foi o mesmo Mounier que incluiu Péguy na árvore existencialista, no ramo de Bergson. O existencialismo de Péguy tem uma característica própria na constante atenção à realidade e, por isso, ao seu enraizamento à terra. A realidade é, sem dúvida, o foco principal do seu pensamento, realidade que é possível colher no tempo presente. A filosofia de Péguy é, antes de tudo, uma atitude interior que, confrontando-se com os eternos problemas da vida, da morte e do ser com os outros, reencontra um relacionamento diferente com o sentido comum filosófico que se expressa e se evidencia, além das pretensões de uma filosofia personalista e sistemática, nos ambientes da vida cotidiana. É no tempo presente que Péguy individualiza o centro fundamental a partir do qual é possível entender a realidade. Depende de como escutamos, de como percebemos o presente ou de como ele é modificado. “Tudo deriva disso, deste ponto do presente. As economias, as morais, as metafísicas são sustentadas da maneira em que tratam este ponto do presente. Você me diga como considera o presente e eu direi que filósofo você é” (PÉGUY, 1997, p. 227).

Sem dúvida entramos no coração da filosofia peguyana. Toda a obra de Péguy parte e se desenvolve a partir deste fulcro, da consideração intuitiva do

presente. Em Péguy não existe contraposição entre realidade e presente. Em primeiro lugar, o presente é um ponto, o ponto de passagem do tempo. Por isso, é um ponto importante porque tudo passa por ele. “O presente é o primeiro ponto ainda não empenhado, ainda não parado, o ponto ainda a caminho de aquisição [...] É o ponto que ainda não tem os ombros agarrados pelas mumificações do passado” (PÉGUY, 1977, p. 206).

O presente é, então, nessa perspectiva, o ponto de manifestação da verdade. Colher o presente significa agarrar o novo, aquilo que não era. Para o homem que vive no tempo não existem espaços ilimitados a sua disposição, mas simplesmente um ponto que, por própria natureza, não pode ser fixado, entorpecido, solidificado. O presente é móvel: é essa a tomada de consciência que põe ao homem a necessidade de não fugir deste ponto precioso, porque é um ponto vital, aliás, o ponto por onde passa toda a vida. Não podemos perder tempo: “Ser adiantado, ser atrasado, que equívoco. Ser pontual é a única certeza.” (PÉGUY, 1977, p. 213).

A mobilidade, considerada característica peculiar do tempo presente, pode ser descrita somente com termos plásticos: elástico, livre, vivo, gratuito, fecundo. No presente se manifesta a novidade do real, uma novidade que é doada gratuitamente e que se impõe ao homem como uma surpresa.

Visto de um outro ponto de vista, com uma abordagem diferente, o real começa distribuir com mãos cheias os seus tesouros. E com tudo isso o real é sempre o mesmo de antes. Mas não é mais olhado com o mesmo olhar, não é mais conhecido na mesma maneira (PÉGUY, 1977, p. 179).

É no presente que o homem vive. Somente quando o presente é captado por aquilo que ele é, na sua mobilidade, gratuidade, fecundidade, a existência humana pode ser vivida em plenitude. Só na mobilidade do presente é possível ser autenticamente livre. Péguy colhe o drama da condição humana na vontade que a pessoa manifesta de aceitar ou recusar o desafio inquietante do tempo presente. É por isso que Péguy manifesta, em várias circunstâncias, a própria gratidão para o seu mestre Bergson, que através do seu método intuitivo ajudou a especulação filosófica a individualizar o verdadeiro centro do problema, ou seja, a maneira de entender o valor do tempo presente e a capacidade de aceitar o desafio trazido por ele (PÉGUY, 1977, p. 241).

Essas intuições abrem o caminho para o descobrimento da presença de Deus na história. A encarnação não é apenas percebida como o mistério de Cristo, mas também uma preciosa chave de leitura da existência humana como vida encarnada. Esse ponto nodal do pensamento de Péguy foi herdado por Mounier. “O homem não será nem anjo nem animal: carnal (no bonito sentido que Péguy amava)” (MOUNIER, 1984, p. 267). Tal tomada de consciência ajudou Mounier a permanecer sempre distante das duas formas de radicalismo filosófico que ele mesmo apontou como extremamente perigosas por todos aqueles que amam e buscam a verdade. De um lado, o perigo de um espiritualismo desencarnado, que não permite colher os problemas da vida como interligados com uma existência o mais possível aderente ao Evangelho. Do outro lado, as formas de materialismo, que muitas vezes negam a dimensão espiritual da pessoa e não permitem à alma perceber a presença do transcendente na história.

Quem mais contribuiu com os dois autores que estamos analisando a transformar esta percepção da realidade, que passa através do tempo presente, num método intuitivo capaz de orientar a reflexão foi Henri Bergson. Segundo Deleuze (2004, p. 37), um dos máximos estudiosos do pensamento de Bergson, a durada, a memória, o élan vital marcam as grandes etapas daquela que no futuro será chamada a filosofia bergsoniana e a intuição será percebida como o grande marco do método bergsoniano. Se a intuição é um método, isso quer dizer que para Bergson não é possível identificá-la com um sentimento, ou uma mera inspiração, uma simpatia, mas um dos métodos mais elaborados pela filosofia, cujas regras rigorosas constituem aquilo que Bergson chama de “*Precisão filosófica*” (DELEUZE, 2004, p.7).

Segundo Deleuze (2004, p.78), numa exposição do pensamento de Bergson, a intuição como método filosófico, rigoroso e preciso, deve ser colocada em primeiro lugar. Nesse sentido, o bergsonismo, como estilo de pensamento e como maneira de fazer filosofia, se revela, sobretudo, uma questão de método, cuja premissa não se trata de resolver os problemas, mas evitar sempre ver diferenças de grau onde existem somente diferenças de natureza. Somente assim, será possível reencontrar as verdadeiras “articulações do real” na consciência, afinal é agindo e criando, não apenas contemplando, que o homem pode ter acesso à totalidade criadora aberta.

Também no interior da mesma filosofia admite-se ainda uma demasiada contemplação: como se a inteligência fosse já penetrada da emoção e então da intuição, mas de forma insuficiente para criar conforme a esta emoção. Nessa altura, para Deleuze (2004, p. 98) – parafraseando o pensamento de Bergson - é possível compreender que as grandes almas não são aquelas dos filósofos, mas dos artistas e dos místicos. É o místico que repensa toda criação inventando uma expressão tanto mais adequada, quanto dinâmica. A alma mística brinca ativamente com todo o universo reproduzindo a abertura de um todo no qual não tem nada pra ver, nem pra contemplar. O filósofo, já animado pela emoção, capta as linhas que se distribuem nos mistos dados das experiências, prolongando o traço fino além da curva e aponta de longe o ponto virtual em tudo que encontra (DELEUZE, 2004, p 106).

Segundo Mounier, Péguy amou em Bergson sobretudo “as palavras de juventude e de liberdade, um clima mais de que uma doutrina, o clima da primavera que trazia em si” (MOUNIER, 1987, p. 49). Diante da teoria de Bergson, Péguy ficou mais fascinado pelo método, do que pela metafísica. Apesar disso, não é possível reconduzir o relacionamento fundamental entre Péguy e Bergson somente numa instância metodológica, que é aquela do método intuitivo. De fato, é em diferentes níveis que o discípulo fez ressoar “a voz” do mestre. Em ambos os autores encontramos o mesmo respeito pelo real em toda a sua imprevisível variedade, a mesma recusa dos falsos problemas, a mesma convicção de que filosofar é mostrar mais do que demonstrar, a mesma desconfiança para com o jogo dos conceitos, a mesma luta no confronto das assim chamadas “*ideias já feitas e constituídas*”, a mesma insistência sobre o ser do presente com dom concreto, a mesma exaltação da liberdade contra qualquer forma de costume acomodado (DEVOUX, 1978, p. 562).

Conforme os ensinamentos de Bergson, Mounier como também Péguy, perceberam a ameaça dos determinismos que provocam a existência pessoal. Somente a fé no futuro pode salvar o sujeito da universal tendência à degradação e ao envelhecimento. É a esperança que mantém acordado no homem o élan rumo ao além. “É o contra costume a fonte de toda liberdade e novidade. Mounier acolheu o canto peguyano da esperança” (CAMPITI, 1987, p. 20). A esperança, sustenta Mounier,

é o sentido da aventura aberta, trata a realidade com generosidade, apesar de esta realidade ter a possibilidade de criar obstáculos para os meus desejos. Não podemos nos recusar à esperança como ao amor. A esperança é, então, uma virtude e não uma consolação ou uma facilidade. Mas é mais de uma virtude. Entra no estatuto ontológico de um ser definido como transcendente ao interior de si mesmo. Aceitá-la ou recusá-la significa aceitar ou recusar ser homem (MOUNIER, 1981 p. 71;72)¹⁰.

Péguy não poupou o seu mestre Bergson de algumas críticas, devido sobretudo ao fato de sempre ter permanecido no ambiente acadêmico e científico, sem nunca experimentar a força e a bondade do seu pensamento na ação. Pelo contrário, Péguy e Mounier escolheram a ação de uma revista – *Os Cahiers de la Quinzaine* e *Ésprit* – para traduzir, no plano da história, as intuições teóricas e, ao mesmo tempo, elaborar um pensamento capaz de responder aos desafios dos problemas encontrados no dia a dia. Por isso, Péguy preferiu a ideia de revolução, que depois também Mounier recolheu, recusando aquela ideia de evolução criadora elaborada pelo seu mestre Bergson que, a seu ver, era excessivamente repleta da ideologia modernista e desencarnada da realidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia personalista tem uma grande influência não apenas na França e na Europa, mas também em vários países e, entre eles, o Brasil. Um dos aspectos mais interessantes dessa corrente filosófica é o fato que a mesma se desenvolveu não dentro de salas de faculdades, mas nas páginas de uma revista – *Ésprit* – ao redor da qual Mounier soube recolher um grupo de estudiosos não apenas de especialistas de vários campos do saber, mas também de diferentes sensibilidade religiosas e políticas. Propor a dignidade da pessoa que se manifesta na vida comunitária e na busca constante do equilíbrio entre interioridade e exterioridade, espírito e matéria, transcendência e temporalidade, é o grande desafio que o grupo de *Ésprit* soube oferecer ao

¹⁰ Campiti, no estudo que já foi sinalizado (1987, p. 21), cita o texto da nota que o mesmo Mounier escreveu sobre o texto que acabamos de citar: “Bergson parece, às vezes, ser tomado de um certo pudor (que ele a herdou da mentalidade acadêmica e da sua própria formação científica) no desenvolver de todas as implicações do seu pensamento, sobretudo aquelas que não podiam alicerçar-se sobre um fundamento científico imediato. No seu lugar, Péguy cantou a esperança” (MOUNIER, 1981, p. 72 nas notas).

ocidente dos anos 1930 e 1940 do século passado, assolado por uma profunda crise econômica e perpassado pelos totalitarismos. Mounier e os seus colaboradores ofereceram um material de reflexão de primeira qualidade que alimentou uma geração inteira, não apenas de pensadores, mas também de políticos, economistas, entre outros. Buscar a origem especulativa desse laboratório de reflexão foi o objetivo destas páginas. Na origem da reflexão mounieriana encontramos, desde a sua juventude, o encontro com um mestre de pensamento que marcou uma inteira geração. Charles Péguy, também ele num laboratório formado por uma revista, elaborou um pensamento e um método – o intuitivo de Bergson – que ajudou jovens pensadores reunidos por Mounier ao redor de *Ésprit* a orientar-se culturalmente num mundo que não conseguia encontrar um rumo. Péguy foi o mestre que ajudou Mounier a procurar o sentido do pensamento não apenas nas páginas dos livros, mas sobretudo no presente da realidade.

Para sair de uma desordem estabelecida, fruto da classe burguesa, que ao longo dos anos deixou progressivamente de lado o cuidado com o povo para concentrar-se sobretudo nos próprios interesses. Colocar a pessoa ao centro da reflexão significa, para Mounier, ter a coragem de colocar em dia as prioridades de uma cultura, para, em seguida, ter a possibilidade de reorganizar uma sociedade por dentro. E, assim, se a matéria deve ser orientada pelo espírito, a economia e a política poderão encontrar um rumo certo somente aprimorando a metafísica, ou seja, um pensamento que se liberta dos condicionamentos materiais para alicerçar-se no espiritual.

O relacionamento cultural entre Mounier e Péguy, além de oferecer importantes chaves de leitura da nossa sociedade, aponta como elemento central de qualquer elaboração especulativa o valor da coerência entre pensamento e vida. Essa coerência é uma característica que encontramos em nossos autores. Existe, de fato, uma circularidade interna seja em Péguy ou em Mounier, entre pensamento e vida. Se é verdade que a atividade especulativa tem uma profunda prioridade, é também verdade que não existe reflexão que possa ter valor se não desemboca na realidade, para depois voltar a ser material de reflexão. Péguy e Mounier nunca escreveram com a finalidade da carreira universitária. Como bem sabemos, ambos, de forma diferentes, decidiram deixar de lado a possibilidade de permanecer no ambiente

universitário porque sentiam como impelente a necessidade de mergulhar na realidade presente nela e não apenas nos livros, a fonte do pensamento. Pensar mergulhados na realidade para oferecer um pensamento o mais possível ligado à vida. Foi esse o caminho que percorreram e que deixaram como herança pra todos nós.

MOUNIER AND PÉGUY: HISTORY OF A CULTURAL AND SPIRITUAL RELATIONSHIP

ABSTRACT

The main objective of this article is to search for the origin of Emmanuel Mounier's thought and community personalism, a philosophical current he elaborated. In this effort, research leads us to the pages of another French thinker: Charles Péguy. We find, in fact, in the pages of the poet and philosopher of Orleans several contents that will be present in Mounier's reflection from the beginning of his philosophical work. It is not a case that the young Mounier's first work is dedicated to Péguy. It is the same Mounier in this work, who offers keys of important readings to understand the path of the development of his thought. The awareness of the need for a break with what was perceived as an established disorder, as well as the perception of reality that cannot be evaluated only from a material point of view, but that must always be related to the spiritual dimension, are themes that they fill the pages of the first Mounier and we find presents in Péguy. It is always Mounier who also offers us the key to read in the different way he has to elaborate the contents, the result of intuitive thinking, more than speculation of a deductive type. This intuitive method present in the pages of Mounier has been assimilated since the youth of the pages of Péguy, which he himself developed by attending Henri Bérégson's classes.

Key words: Criticism. Revolution. Intuition. Present. Reality.

REFERÊNCIAS

BOMBACI, Nunzio. Destini paralleli. Il Péguy di Mounier. In: *Prospettiva Persona*, Teramo 91 (2015/1), 39-44.

CAMPANINI, Giorgio. La rivoluzione cristiana. Il pensiero politico di Emmanuel Mounier. Brescia: Morcelliana, 1968.

CAMPITI, Michele. *La presenza di Charles Péguy nel pensiero di Emmanuel Mounier*, in: MOUNIER, Emmanuel. Il pensiero di Charles Péguy. Bari: Ecumenica, 1987, p: 7-30.

CUGINI, Paolo. Mondo moderno e religione. Introduzione al pensiero di Charles Péguy. Reggio Emilia: San Lorenzo, 2015.

CUGINI, Paolo. Pensare cristianamente la storia. Emmanuel Mounier e la rivista *Ésprit*. Roma: Ilmiolibro, 2018.

DELUZE, Gilles. O bergsonismo. São Paulo, Ed. 34, 2004.

DEVOUX André., *La rencontre entre Péguy et Bergson*, in : AA.VV., Péguy vivant. Lecce : Milella, 1978.

GUASCO, Maurilio. Il modernismo. I fatti, le idee, i personaggi. Milano: San Paolo 1995.

LACROIX, Jean. Péguy ou l'âme inhabituée. In : *Itinéraire spiritual*, Saint Amand : Blond et Gay, 1937.

LORENZON, Alino. Atualidade do pensamento de Emmanuel Mounier. Ijuí: Editora Unijuí, 1996.

LOUBET DEL BAYLE, Jean Luis. Les non conformistes den années 30. Une tentative de renouvellement de la pensée politique française. Paris : Éditions du Seuil, 2001.

MARITAIN, Jacques. Humanismo Integral: uma visão nova da ordem cristã. Impresso nos Estados Unidos do Brasil: Companhia Editora Nacional, 1945.

MARTINS, Antônio Colaço. Metafísica e ética da pessoa: a perspectiva de Emmanuel Mounier. Fortaleza: Gráfica DA Universidade de Fortaleza da Fundação Edson Queiroz, 1997.

MELCHIORRE, Virgilio. Il metodo di Mounier e altri saggi. Milano: Feltrinelli, 1960.

MOUNIER, Emmanuel. Manifesto al servizio del personalismo comunitario. Bari: Ecumenica, 1975.

MOUNIER, Emmanuel. Che cos'è il personalismo? Torino: Einaudi, 1975b

MOUNIER, Emmanuel. Personalismo e cristianesimo. Bari: Ecumenica, 1977.

MOUNIER, Emmanuel. Gli esistenzialismi. Bari: Ecumenica, 1981.

MOUNIER, Emmanuel. Lettere e diari. Reggio Emilia: Città Armoniosa, 1982.

MOUNIER, Emmanuel. Rivoluzione personalista e comunitaria. Bari: Ecumenica, 1984.

MOUNIER, Emmanuel. Il pensiero di Charles Péguy. Bari: Ecumenica, 1987.

MOUNIER, Emmanuel. O personalismo. São Paulo: Centauro ed., 2004.

MOUNIER, Emmanuel. Entretiens 1922 -1944. Rennes : PUR, 2017.

ONIMUS, Jean. Incarnazione e radicamento. Saggio sul pensiero di Péguy. Lecce: Milella, 1997.

PÉGUY, Charles. Cartesio e Bérghson, (a cura di) M.PETRONE, A. PRONTERA, Milella: Lecce, 1977.

PÉGUY, Charles. Lo spirito del sistema. Lecce: Milella, 1988.

PÉGUY, Charles. I misteri, Giovanna d'Arco, la seconda virtù, I Santi Innocenti. Milano: Jaka Book, 1997.

PÉGUY, Charles. Getsemani. Milano: Jaka Book, 1997b.

PÉGUY, Charles. Il denaro. Bologna: Edizioni Piano B, 2011.

PÉGUY, Charles. Bergson e la filosofia bergsoniana. Roma: Studium, 2012.

PÉGUY, Charles. Véronique. Dialogo della storia e dell'anima carnale. Milano: Marietti, 2013.

PETIT, Jacques. J. Maritain-J. Mounier: Corrispondenza 1929-1939. Brescia: Morcelliana, 1976.

PRONTERA, Angelo. Ipotesi e proposte esistenziali, Introduzione a Péguy. Lecce: Milella, 1980.

PRONTERA, Angelo. La filosofia come metodo. Libertà e pluralità in Péguy. Lecce: Milella, 1988.

PRONTERA, Angelo. Péguy. Filosofia e politica. Lecce: Milella, 1991.

VILLELA-PETIT, Maria da Penha. Emmanuel Mounier: um pensamento em ação (Por causa do centenário de seu nascimento). Síntese – Revista de Filosofia. Belo Horizonte, v.32, n.103, 2005.

WINOCK, Michel. Histoire politique de la revue Esprit. Paris: Seuil, 1975.

WINOCK, Michel. Le siècle des intellectuels. Paris: Ed. Point, 2015.